

## FADIGA EM PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA EM RADIOTERAPIA CONVENCIONAL

Julyana Cândido Bahia<sup>1</sup>, Dálete Delalibera Corrêa de Faria Mota<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica da Faculdade de Enfermagem/ Universidade Federal de Goiás  
E-mail: julyanaweb@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora Doutora da Faculdade de Enfermagem/ Universidade Federal de Goiás  
E-mail: dalete.mota@gmail.com

### RESUMO

O objetivo do estudo foi caracterizar a fadiga de pacientes com câncer de mama, submetidos à radioterapia convencional, quanto à presença, à intensidade e à magnitude. É um estudo descritivo, longitudinal, com abordagem quantitativa conduzido com 97 pacientes em radioterapia de um hospital de referência do Estado de Goiás. A coleta dos dados foi obtida em três períodos, as informações obtidas foram analisadas no programa SPSS, considerando significância de 5%. Observou-se aumento significativo da fadiga ao longo da radioterapia sendo que na terceira avaliação 50,8% das mulheres apresentavam fadiga. O aumento mais significativo da intensidade da fadiga foi do momento T1 para T2, prevalecendo a dimensão afetiva. Tais resultados refletem a necessidade de maior atenção à fadiga por parte dos profissionais da saúde e motivação do meio científico na busca de melhores estratégias para aliviar e tratar este sintoma.

**Palavras chave:** Breast câncer. Radiotherapy. Chemotherapy. Fatigue.

### INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Instituto Nacional do Câncer (2014), o câncer de mama é a primeira causa de morte por câncer em mulheres no Brasil e, para 2014 e 2015, são esperados 57.120 casos novos de câncer de mama com um risco estimado de 56,09 casos a cada 100 mil mulheres (INCA, 2014).

O diagnóstico de câncer de mama não afeta somente o indivíduo como também os grupos ao qual ele pertence, seja ele familiar, social, econômico, profissional, religioso. (MIASKOWSKI *et al*, 2011).

Entre os tratamentos utilizados na terapêutica do câncer de mama encontra-se a radioterapia ou teleterapia. É um tratamento localizado que reduz o risco de reincidência do câncer de mama em 70%, utilizado como tratamento de 80% as mulheres tratadas com cirurgia primária (IBCC, 2014; LORENCETTI; SIMONETTI, 2005; SJOVALL *et al.*, 2010).

Dentre os sintomas mais recorrentes entre os portadores de câncer está a fadiga, também denominada como cansaço, exaustão, astenia, letargia, sensação de fraqueza, falta de motivação, envolve aspectos biológicos, cognitivos e

psicológicos. A fadiga é um dos sintomas mais comum relatado em pacientes com câncer de mama em radioterapia para o tratamento da doença maligna e, quando presente, causa sofrimento, limitação da funcionalidade e prejuízo à qualidade de vida. Contudo ainda pouco se sabe sobre as causas e os mecanismos de fadiga (GOEDENDORP *et al*, 2012; MIASKOWSKI *et al*, 2011; DIETRICH *et al*, 2006).

Nesse sentido a avaliação da fadiga em pacientes com câncer de mama em tratamento radioterápico convencional é essencial para a identificação dos fatores que predisõem o indivíduo a ter esse sintoma. Dentre os instrumentos mais utilizados é a Escala de Fadiga de Piper - Revisada, tem destaque por ser um instrumento multidimensional de auto-relato, o que é uma característica importante, pois permite reconhecer a expressão da fadiga na vida do indivíduo. Esse instrumento em sua versão original apresenta 22 itens distribuídos em quatro principais dimensões da fadiga, a cognitiva/emocional, a afetiva, a sensorial e a comportamental (MOTA; PIMENTA; PIPER, 2009).

## **OBJETIVO**

O presente estudo objetivou caracterizar a fadiga de pacientes com câncer de mama, submetidos à radioterapia convencional, quanto à presença, à intensidade e à magnitude.

## **METODOLOGIA**

Tratou-se de um estudo descritivo, longitudinal, com abordagem quantitativa. A população do estudo foi composta por pacientes com diagnóstico de câncer de mama em tratamento radioterápico convencional. A amostra foi formada por pacientes que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: 1) ser do sexo feminino; 2) ter câncer de mama, em qualquer estágio; 3) ter idade igual ou superior a 18 anos; 4) ter indicação de 20 ou mais frações de radioterapia, com dose de, no mínimo, 180 cGy por dia; 5) ter capacidade de comunicação e compreensão preservadas.

A coleta foi realizada entre julho de 2014 e abril de 2015, em atendimento à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo foi conduzido no serviço de radioterapia de um hospital de referência em tratamento oncológico do estado de Goiás, o qual é responsável pelo tratamento de doenças malignas através

de radiação ionizante dos pacientes com câncer, internados ou em tratamento ambulatorial, no próprio hospital.

Quanto à análise dos dados as informações obtidas foram tabuladas na planilha do *Microsoft Excel®*. Os dados foram analisados utilizando o programa estatístico SPSS (Statistical Package for Social Science), para todos os testes considerou-se um nível de significância de 5% e a discussão destes com base na literatura atualizada desta temática.

As pacientes foram consideradas fatigadas quando apresentaram escore diferente de zero na escala de Fadiga de Piper- Revidada e, com base no escore total, a fadiga foi classificada em leve (escore <4), moderada (escore  $\geq 4$  e <7) e intensa (escore  $\geq 7$ ).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo avaliou a fadiga em três momentos, desde a simulação da radioterapia até a 4ª ou 5ª sessão de radioterapia (T1), 4 semanas após o início da radioterapia  $\pm 2$  dias (T2) e na última semana do tratamento (T3) objetivando caracterizar a fadiga de pacientes com câncer de mama, submetidos à radioterapia convencional, quanto à presença, à intensidade e à magnitude. Ao mostrar dados detalhados sobre a evolução da fadiga durante o tratamento radioterápico, o presente estudo traz dados que contribuem com evidências sólidas sobre fadiga em mulheres com câncer de mama submetidas à radioterapia convencional.

No presente estudo observou-se aumento significativo da fadiga ao longo da radioterapia, sendo que na terceira avaliação mais da metade das mulheres apresentavam este sintoma (50,8%), quanto a dor, esta, por sua vez, diminuiu discretamente ao longo das três avaliações apesar de ainda estar presente em mais da metade da população em estudo durante os três momentos de avaliação. O estudo de Lamino et al., 2011 também reporta a questão da dor, eles concluíram que a dor intensa avaliada na escala de 0 a 10, acentuou a fadiga e a fadiga intensa acentuou a dor. Entretanto o sono prejudicado foi referido por mais mulheres durante a evolução do tratamento. No estudo de Sjøvall *et al* (2010), a dor e a dificuldade para dormir são, depois da fadiga, efeitos colaterais do tratamento com maior impacto.

O aumento gradativo da fadiga ao longo do tratamento como referido neste estudo também foi encontrado no estudo de Sjøvall *et al.* (2010) no qual a



prevalência dos maiores níveis de fadiga foram evidenciadas na segunda metade do tratamento e principalmente ao final.

No presente estudo a fadiga em T1 foi evidenciada em 26,9% das pacientes e todas as pacientes do estudo passaram por quimioterapia, o estudo de Goedendorp et al.(2012) referiu maior fadiga entre os sobreviventes de câncer de mama que receberam quimioterapia, em comparação com aqueles que não receberam a terapia adjuvante ou outras formas de terapia adjuvante e no estudo de Merriman *et al.* (2010) aproximadamente 63% das mulheres com câncer de mama submetidas à radioterapia relataram fadiga mental, sendo níveis moderados em 41% dos casos e altos níveis em 22%, antes do início da radioterapia.

O aumento mais significativo da intensidade da fadiga foi verificado do momento T1 para T2, em que a fadiga moderada aumentou 86,6% e a fadiga intensa 211,1%, sendo que a fadiga leve reduziu sua incidência em 48,2% visto que as pacientes passaram a apresentar intensidades de fadiga mais elevadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incidência da fadiga durante a radioterapia aumentou significativamente, predominando a fadiga moderada na última semana do tratamento (32,1%). A dimensão afetiva prevaleceu com escores mais altos em todas as avaliações demonstrando a percepção negativa das pacientes com relação a este sintoma, sendo referido de forma destruidora, anormal, desagradável na vida das mesmas.

Neste estudo identificamos a importância da quimioterapia prévia como fator de risco para fadiga desde o início da radioterapia. Portanto tais resultados refletem a necessidade de maior atenção à fadiga durante a radioterapia por parte dos profissionais da saúde e motivação do meio científico na busca de melhores estratégias para aliviar e tratar este sintoma que acarreta sofrimento e prejuízos à qualidade de vida das pacientes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Estimativa 2014: Incidência de Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro:INCA 2014.

DIETRICH, S.H.C. *et al.* Effects of jogging program the fatigue level of breast cancer patients. **R. bras. Ci e Mov.** v. 14, n. 1, p.7-12, 2006.

GOENDERDORP, M.M. *et al.* Prolonged Impact of Chemotherapy on Fatigue in Breast Cancer Survivors: A Longitudinal Comparison With Radiotherapy-Treated Breast Cancer Survivors and Noncancer Controls. **Cancer.** v. 118, n.15, p. 3833–3841, 2012.

IBCC. **Instituto Brasileiro de Controle do Câncer.** 2014. Disponível em: <<http://www.ibcc.org.br/terapias-tratamentos/Radioterapia.asp>>. Acesso em 20 jun. 2014.

LORENCETTI A.; SIMONETTI AP. As estratégias de enfrentamento de pacientes durante o tratamento de radioterapia. **Rev Latino-am Enfermagem.** v. 13, n. 6, p. 944-50, 2006.

MERRIMAN, J.D; JANSEN, C; KOETTERS, T. *et al.* Predictors of the Trajectories of Self-Reported Attentional Fatigue in Women With Breast Cancer Undergoing Radiation Therapy. **Oncol Nurs Forum.** v. 37, n.4, p: 423–432, July-2010.

MOTA, D.D.C.F; PIMENTA, C.A.M; PIPER, B.F. Fatigue in Brazilian cancer patients, caregivers and nursing students: a psychometric validation study of the Piper Fatigue Scale-Revised. **Support Care Cancer.** v.17, n.6, p:645-52, 2009.

SJOVALL, K. *et al.* Adjuvant radiotherapy of women with breast cancer information support and side-effects. **European Journal of Oncology Nursing.** v. 14, p.147–153, 2010.